



***DISCUTINDO A CLASSIFICAÇÃO DAS ALTERAÇÕES  
DA LINGUAGEM ESCRITA NAS AFASIAS  
A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA***

*Ana Paula de Oliveira Santana\**

**Déjèrine e o início das querelas terminológicas**

Em 1891, Déjèrine descreveu o caso de um sujeito que perdeu subitamente a capacidade de ler e escrever. O sujeito era incapaz de ler letras e palavras e de escrever qualquer palavra que não fosse seu nome. A autópsia desse sujeito demonstrou um abrandamento cerebral na região cortical posterior do hemisfério cerebral esquerdo, o que, na atualidade, chama-se de circunvolução angular, autêntica encruzilhada entre os lobos parietal por cima, temporal por baixo e occipital por trás. Quando se relembra a história dos distúrbios isolados específicos da Afasiologia, vê-se que ele foi o primeiro a elaborar uma terminologia específica para alterações de leitura e escrita decorrentes de lesão cerebral.

---

\* Fonoaudióloga, mestre em Lingüística IEL-Unicamp, doutoranda em Lingüística IEL-Unicamp.

Assim, a partir de Déjèrine (1891), a semiologia das afasias passa a compreender uma “vasta” classificação dos distúrbios de leitura e de escrita nos afásicos. Há uma verdadeira floresta terminológica e uma grande confusão conceitual em torno dessas alterações. A variedade de terminologias utilizadas para a classificação desses distúrbios já é amplamente conhecida: agrafia, alexia, agrafia pura, alexia sem agrafia, dislexia de superfície, dislexia profunda etc.

Nos dias de hoje, o termo dislexia vem sendo largamente usado. O conceito, no entanto, nem sempre é explicativo ou útil. Para a Psicologia e, por que não dizer, para as áreas não médicas, o termo tem seu sentido restrito às dificuldades educacionais. Para a Neurologia, o termo ganha amplitude, correspondendo a distúrbios neurológicos, chegando a abranger praticamente toda a sintomatologia das afasias. Vemos aqui a existência de “duas dislexias” que têm a mesma terminologia, e cujas bases explicativas são, contudo, distintas. A descrição da dislexia na literatura neuropsicológica difere completamente da dislexia dita escolar. Ainda assim, ambas colaboram para uma visão altamente normativa da linguagem escrita – algo que permite a patologização de processos normais encontrados na aquisição e no desenvolvimento da linguagem escrita (cf. Coudry, 1987).

Autores como Freire (1997) e Zorzi (1996) concordam que ocorreu uma supergeneralização do termo dislexia (ou alexia, ou cegueira verbal congênita, ou estrefossimbolia, ou legastenia, ou tifoalexia, ou ambliopia verbal, ou bradilexia, ou amnésia visual verbal, entre outros). Dislexia passou a designar toda e qualquer dificuldade para aprender a ler e a escrever apesar da integridade das capacidades intelectuais, perdendo a especificidade e podendo ser tudo, inclusive a justificativa para o fracasso da escola em desempenhar seu papel alfabetizador.

A neuropsicologia cognitiva passou a usar o termo dislexia adquirida em substituição a alexia. A abordagem cognitiva das perturbações neuropsicológicas postula que a cognição é o resultado da atividade de diversos sistemas mentais interativos, às vezes hierarquizados, que têm características funcionais específicas. Sua metodologia se baseia em propostas teóricas denominadas “modelos” ou “arquiteturas funcionais”, as quais são confirmadas, refutadas ou complementadas a partir da observação comportamental de dissociação entre estímulos e tarefas encontradas em pacientes portadores de dislexia adquirida. Para Seron e Feyereisen (1995), os esquemas ainda não conseguem dar conta de nenhum pro-

blema de sintaxe, como o agramatismo e a dissintaxia, e nem de transtornos de evocação verbal presentes na maioria das afasias. Por outro lado, o poder explicativo de tais esquemas é, em geral, do tipo “tudo ou nada”. Esses modelos permitem prever o que ocorre se uma via córtico-cognitiva está rompida ou um centro des- truído. No entanto, raras são as vezes em que a patologia é delimitada, e, geralmente, ocorre uma gama de transtornos e sintomas que a investigação neurolinguística contemporânea se esforça por compreender. De um modo geral, esses modelos dão conta, aproximadamente, da ausência de condutas, mas não têm poder explicativo no que se refere às transformações que sofrerão as condutas ou os processamentos normais.

Partindo desses pressupostos, acredito que o que subjaz à floresta terminológica que contempla a semiologia da linguagem escrita nas afasias é a concepção de linguagem que os autores têm (explicitamente ou não). A pergunta que surge agora é: em que essas classificações “ajudam” a compreender a linguagem escrita ou o processo de (re)construção linguístico-cognitiva do sujeito afásico? Quais as conseqüências das classificações ancoradas em atividades estritamente metalinguísticas? Ora, as classificações são consideradas importantes para a Afasiologia Tradicional porque são elas que colaboram para a definição do diagnóstico, ou seja, “constroem” a lista de sintomas que definem o distúrbio apresentado pelo sujeito.

### **As classificações**

As classificações ou tipologias das afasias, é bom ressaltar, diferem muito pouco entre si. Estas classificações, que mencionarei a seguir, fazem parte de uma lista apresentada por diversos autores, dentre eles: Luria (1980), Ardila e Ostrosky-Solís (1995), Barbizet e Duizabo (1985), Hécaen e Albert (1986), Gil (1992), Parente (1995). Cito, pois, resumidamente, as descrições dos problemas de linguagem escrita na literatura tradicional.

Ana Paula de Oliveira Santana

### Alexia

*Alexia literal ou alexia com agrafia.* Neste distúrbio, a percepção de grafemas está preservada. No entanto, a diferenciação visual de seus signos está interrompida: o sujeito pode confundi-los (m/n, k/x, por exemplo). Nas formas menos graves, o sujeito é capaz de reconhecer letras impressas, mas não consegue ler uma carta com letra manuscrita. Esse tipo de alexia se relaciona com uma lesão parieto-occipital posterior e parieto-occipital do hemisfério esquerdo.

*Alexia verbal ou alexia sem agrafia.* Nestes casos, os sujeitos podem reconhecer letras isoladamente, mas não podem compreender palavras. Quando confrontados com palavras, eles juntam letra por letra antes de serem capazes de identificá-las, estas não podem ser reconhecidas, mesmo sendo familiares (nem símbolos, como USA, por exemplo).

*Alexia frontal.* Refere-se a uma dificuldade na leitura, própria da afasia de Broca, na qual aparece uma leitura agramatical e mal seqüenciada.

*Alexia espacial.* Refere-se à aparição de dificuldades na leitura como conseqüência de alterações espaciais que ocorrem em lesões do hemisfério esquerdo.

*Alexia agnósica.* Neste caso, as letras (alexia literal) e as palavras (alexia verbal) não são identificadas como símbolos gráficos, o sujeito é capaz de escrever sem conseguir ler o que está escrito. Esse distúrbio de linguagem escrita é muito raro e pode persistir em certos sujeitos que recuperam a linguagem oral.

*Alexia pura sem agrafia (cegueira verbal pura).* Trata-se de uma agnosia visual particular, especial para símbolos gráficos da escrita.

*Alexia afásica.* Neste caso, a escrita e a leitura estão profundamente perturbadas. Enquanto o sujeito lê seu nome ou palavras simples, rapidamente surgem paralexias; este distúrbio se acentua na leitura dos textos: mesmo sendo familiares, tais palavras não podem ser reconhecidas, finalizando em jargão. Alguns sujeitos são capazes de ler um texto curto, em voz alta, sem compreender seu sentido.

*Alexia para sentenças.* Neste caso, a habilidade para ler palavras está preservada, assim como a habilidade para ler números. A dificuldade encontra-se na leitura e na compreensão de sentenças.

*Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias*

*Alexia global.* Trata-se de uma incapacidade para ler letras e palavras, apesar de não haver alteração na leitura de números simples e complexos.

*Alexia periférica.* Este distúrbio aparece quando a ruptura se encontra fora dos processamentos das vias lexicais e perilexicais.<sup>1</sup>

*Alexia central.* Este distúrbio surge quando a ruptura cognitiva se encontra nos processamentos internos das vias lexicais ou perilexicais.<sup>2</sup>

*Agrafia*

*Agrafia pura.* Quanto a este distúrbio, discute-se a existência de uma desordem isolada primariamente da escrita. A agrafia isolada seria secundária à lesão da parte posterior da região F2 do hemisfério esquerdo e inscreve-se mais frequentemente no contexto da afasia de Broca.

*Agrafia afásica.* Acompanha perturbações da linguagem oral. A produção escrita é, como a produção oral, reduzida, com omissões de letras, de palavras, e uma melhora no ditado.

*Agrafia parietal.* Caracteriza-se por má utilização do espaço, em que margens excessivas traduzem negligência de um e outro hemi-espaço. As linhas são irregulares ou descem de forma anárquica. A cópia pode ser mais difícil que a escrita espontânea ou ditada. Neste tipo de agrafia, a construção de palavras com o auxílio de letras-cubo mostra-se bem melhor.

- 
1. Segundo Parente (1995), os modelos cognitivos da leitura ocorrem por duas vias distintas: a) lexical: processa o estímulo gráfico em nível morfêmico (a palavra como um todo); b) perilexical: processa elementos que compõem o morfema, as palavras, as sílabas e os grafemas.
  2. A alexia central e a periférica são descritas por Parente (1995). Observa-se que, em relação aos tipos de descrições de alexias realizadas anteriormente, há diferenças marcantes. Isso ocorre pelo padrão de análise utilizado pela autora, de cunho cognitivista. A abordagem cognitiva das perturbações neuropsicológicas, como a utilizada no estudo dos distúrbios de leitura, postula que a cognição é o resultado da atividade de diversos sistemas mentais interativos, às vezes hierarquizados, que têm características funcionais específicas. Sua metodologia se baseia em propostas teóricas denominadas "modelos" ou "arquiteturas funcionais", as quais são confirmadas, refutadas ou complementadas a partir da observação comportamental de dissociação entre estímulos e tarefas encontradas em pacientes portadores de dislexia adquirida. Vê-se que a visão de linguagem que essa teoria apresenta parte de funções dissociadas entre si (linguagem oral, escrita, leitura, processamento de compreensão lexical).

Ana Paula de Oliveira Santana

*Agrafia ideacional.* Neste caso, a cópia está preservada, mas há incapacidade para escrever espontaneamente.

*Agrafia apráxica.* Trata-se de agrafia por causa de distúrbios gestuais, como, por exemplo, a incapacidade de manipular instrumentos.

### *Dislexia*

#### Dislexias centrais

*Dislexia de superfície.* Caracteriza-se pela preservação da capacidade de leitura de neologismos e palavras regulares, mas há falhas nas irregulares. Outra dificuldade do sujeito é dar a tonicidade correta das palavras segundo regras prosódicas.

*Dislexia profunda.* Caracteriza-se pela incapacidade de ler ou escrever neologismos, produzir trocas semânticas derivacionais e visuais. Há uma incapacidade no uso da via lexical (incapacidade de ler neologismos) e perilexical (presença de paralexias semânticas).

*Dislexia fonológica:* neste caso, o sujeito apresenta boa leitura para palavras ditas reais, mas haveria uma dificuldade importante na leitura de não-palavras. Sua interpretação cognitiva resulta de uma falha exclusiva na via perilexical<sup>3</sup>.

*Dislexia assemântica:* neste caso, há uma capacidade preservada de leitura de palavras regulares e irregulares, mas os sujeitos não compreendem o que leram em voz alta. Há ruptura significativa do sistema semântico.

---

3. Vidigal e Parente (1995) levantam a hipótese de a dislexia fonológica ser uma evolução da dislexia profunda, com melhora das habilidades de emparelhamento e conversão entre as memórias lexicais. Os autores afirmam que "(...) podemos realmente pensar nas dislexias profunda e fonológica como uma mesma síndrome com graus de comprometimento diferentes. Na dislexia fonológica, encontram-se as mesmas lesões que na profunda, porém um melhor emparelhamento entre o léxico de saída e a memória semântica, e, portanto, são poucas ou ausentes as paralexias semânticas" (p. 184).

#### Dislexias periféricas

*Dislexia de leitura letra-por-letra.* Também chamada alexia sem grafia. Caracteriza-se por uma extrema lentidão na leitura e pelo efeito de extensão da palavra. O sujeito parece só reconhecer uma palavra após o reconhecimento individual de cada letra.

*Dislexia por negligência.* Os sujeitos manifestam uma dificuldade de tratamento da informação no hemisfério esquerdo e, em alguns casos, no direito. A parte negligenciada pode refletir uma divisão com critérios visuais ou a composição linguística, quando há omissão de morfemas.

#### O afásico é disléxico?

É importante enfatizar que dislexia relaciona-se a uma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita e não pode ser aplicada às afasias. O sujeito com dislexia *nunca aprendeu* a ler ou a escrever anteriormente e sempre apresentou em sua vida pregressa uma dificuldade em relação à linguagem escrita. Este não é o caso de afásicos alfabetizados (Santana, 1999).

A questão que se coloca quanto a esse ponto é: pode-se admitir que o sujeito afásico seja também disléxico? Quando se admite isso, de um lado, corre-se o risco de contribuir com essa “confusão” terminológica que a dislexia implica. De outro, reduzem-se as alterações de escrita e de leitura de sujeitos afásicos à dislexia. De onde quer que se olhe, essa questão é sempre muito complicada. De todo modo, parece haver sempre uma certa arbitrariedade no uso das terminologias.

E qual seria a relevância teórica de uma mera substituição terminológica? O que parece ser mais condizente, do ponto de vista semiológico, com os distúrbios apresentados? Se o problema todo fosse apenas terminológico, dever-se-ia utilizar os termos “alexia fonológica”, “alexia de superfície”, “alexia profunda” e tantos outros restritos ao que a literatura entende por dislexia.

Silveira e Parente (1995) afirmam que a dislexia de leitura letra-por-letra foi descrita anteriormente sob outra terminologia por Déjèrine (1891): cegueira verbal pura, alexia pura, alexia agnósica, dislexia de soletração e dislexia da

Ana Paula de Oliveira Santana

forma da palavra. Apesar de ressaltarem a variedade de terminologias para uma mesma “patologia”, os autores não discutem os motivos dessa variedade, nem a adoção de um termo em detrimento dos outros.

O que subjaz a esta floresta terminológica é a concepção de linguagem escrita que os autores têm (explicitamente ou não). O “caos” reinante tem a ver, ainda, com a própria concepção de linguagem e de funcionamento córtico-cognitivo implicada. Além disso, essa concepção não leva em consideração as relações que se estabelecem entre oralidade e escrita, e nem o caráter multifuncional que a escrita apresenta em algumas situações.

Para ilustrar esta discussão, apresento os episódios a seguir. Esses episódios foram coletados no Centro de Convivência de Afásicos (CCA – Unicamp), em sessão de grupo e entrevista individual, sobre a linguagem escrita do sujeito EF, um sujeito de 68 anos, advogado. Sua produção oral restringe-se à emissão de palavras isoladas, apresentando um estilo que pode ser chamado de “telegráfico”. Frequentemente, EF recorre à escrita como um apoio para comunicar o que deseja ou, às vezes, para dar a entender os sentidos que produz ao falar.

*Texto 1*

PETRO  
JUZEI  
RIO R

Esse texto, do qual aqui temos um esboço, foi realizado no contexto do diálogo que se segue.

(10/06/98) EF comenta com os demais integrantes do CCA sobre a viagem que fará a Petrolina. Enquanto está falando, ele escreve com a mão em sua perna, na perna da investigadora e procura uma caneta para escrever.

EF: *//usando a “escrita no ar” como prompting, fala//* Pe::to::li::na.

Imc: Petrolina? É a divisa?

EF: Ah *//afirmando//*.

Imc: (...) Bahia... Pernambuco... (...) Bom!!! Escreve aí. Vamos ver o que ele vai escrevê... *//EF escreve enquanto lem fala ao grupo//*.

*Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias*

Iem: O Sr. EF contou uma história uma vez... Cês lembram? Ele morava numa cidade, atravessava o rio e estudava na outra. Lembra disso? //pergunta ao grupo//. Depois o Sr. EF explica. Parece que atravessando o rio já é outro estado, né? Bahia/Pernambuco. Não tem uma história assim?

Imc: Tinha. Que é Petrolina. Ele escreveu "Petrolina" e "Juazeiro" //Imc lê o que EF escreve//.

Iem: Ah. Isso aí então. E tem um rio no meio. #//a EF// Como é que se chama esse rio no meio? É o rio São Francisco?

//EF afirma com a cabeça//.

Iem: Mas, sabe, Sr. EF, a gente não conhece ali a região. É isso mesmo?

EF: //EF fala enquanto escreve// Ri::o São Fan::cis::co.

Iem: Tem o rio São Francisco entre Petrolina e Juazeiro. Juazeiro pertence à Bahia e Petrolina a Pernambuco?

Imc: Tem uma ponte que vai pra Petrolina... Que vai pra Pernambuco. Ele escreveu só um pedaço. Ele escreveu só um pedacinho e pronto.

Iem: // Iem lê a escrita de EF//. Petro, Petrolina. Juazeiro e Rio São Francisco.

*Texto 2*

(10/06/98)

DUDO E MAZA.

 Fui  jogo  Filhos

Sem mais.

FRANÇA

(EF escreve novamente o texto procurando organizá-lo melhor.)

Não foi com  
jogo filhos

Trata-se do esboço de uma produção escrita de EF. Ele havia combinado assistir ao jogo do Brasil no CCA, junto com o grupo. A investigadora pediu a ele que simulasse uma situação hipotética e escrevesse um bilhete para as outras

Ana Paula de Oliveira Santana

investigadoras (de apelidos Maza e Dudu, presentes no momento), desculpando-se por não poder mais assistir ao jogo no CCA e dizendo que assistiria com os filhos.

As alterações de escrita encontradas nos dois textos são diferentes. No primeiro texto, a escrita de EF aparece com as características da fala (incompleta, fragmentada). Não podemos esquecer que ele não parece usar a escrita no lugar da fala, mas usa a escrita para falar. Por esse motivo, logo que o interlocutor entende o sentido da sua escrita, ele não vê necessidade de seguir adiante. Ainda que Imc solicite uma resposta verbal por parte de EF, este se reporta à escrita. No entanto, esta, nesse caso, não funciona como “escrita”, e sim como uma escrita para a fala, por isso escreve “só um pedacinho”, como observa a investigadora Imc, ou seja, só o necessário para que o interlocutor, utilizando-se de mecanismos antecipatórios, “decifre” o restante da escrita (como o fez Imc ao ler “Petrolina, Juazeiro”). Observa-se também que o primeiro fragmento da palavra já é suficiente para a evocação da oralidade. Assim, utilizando-se de mecanismos alternativos, EF fornece um *prompting* escrito para ele mesmo, que, ao ver “concretamente” a imagem gráfica da palavra, consegue iniciar sua fala (por isso ele parece “não fazer esforço”).

Analisar, no episódio um, apenas o texto escrito sem levar em conta o contexto discursivo em que ele foi produzido poderia levar a classificar EF como tendo uma *agrafia afásica* (a agrafia afásica acompanha as perturbações da linguagem oral: a produção escrita é, como a produção oral, reduzida, com omissões de letras, de palavras, e uma melhora no ditado).

No segundo episódio, EF apresenta bastante dificuldade de elaborar um discurso escrito mais próximo do oral, como o bilhete, mas domina as convenções ortográficas necessárias à sua elaboração e, até mesmo, os mecanismos de auto-correção. Outro ponto importante é que, apesar das dificuldades orais de EF, parece que sua escrita está mais “preservada”, conseguindo escrever um texto com maior coesão e mais elementos lingüísticos que um texto oral. Vê-se isso no uso de preposições (com, na), o que não ocorre no primeiro episódio. Ou seja, se no primeiro texto suas alterações de escrita poderiam ser classificadas como agrafia afásica e até indicativa de agramatismo (já que sua fala também é telegráfica), no segundo, em outra situação discursiva, o sujeito apresenta sua

escrita de forma diferente, escrevendo preposições (o que descartaria o agramatismo) e evidenciando uma escrita mais elaborada que a oralidade. Isso demonstra a inadequação das classificações fechadas que não levam em conta as diferentes posições que o sujeito ocupa em diferentes situações discursivas. Dessa forma, seria um equívoco tratar os fatos textuais (listas, cartas, bilhetes) de um mesmo modo.

Logo, observa-se que, em situações discursivas diferentes, o sujeito afásico também atribui significado diferente à sua escrita. Ou seja, os papéis que esse sujeito ocupa, mais da fala e mais da oralidade, são provenientes das situações discursivas das quais participa, fazendo com que ele escreva de uma forma ou de outra. O que se observa com esses episódios é que a escrita não funciona apenas como representação da fala: ora a escrita é “escrita”, ora é a própria fala; ora o sujeito passa da oralidade para a escrita, ora da escrita para a oralidade. Essa relação de interdependência entre as duas modalidades mostra que não se pode considerar a linguagem de uma forma dissociada. Assim, entender que as modalidades de linguagem estão relacionadas entre si faz com que se perceba que as relações entre a fala e a escrita não são sempre as mesmas. Passar da escrita para a fala implica romper essa regra tão conhecida e tão aceita de que a escrita nada mais é que uma representação da fala. Fica assim demonstrada a necessidade de considerar a fala e a escrita numa relação de interdependência, como modalidades de linguagem. O que vai determinar essa relação são os seus usos, que se modificam e se transformam de acordo com as práticas sociais que estão envolvidas ali, naquele momento.

### **Considerações finais**

A contribuição deste trabalho foi mostrar que a óptica pela qual se tem examinado as alterações da linguagem escrita nas afasias pode ser mudada: em lugar de observar os atos de leitura e de escrita como produtos homogêneos e definidores de uma sintomatologia e de uma classificação pode-se, alternativamente, tomar a atividade escrita como processo que evidencia a natureza das práticas sociais e como lugar onde o funcionamento intelectual (também) pode

*Ana Paula de Oliveira Santana*

ser investigado. Para essa substituição do processo pelo produto, como objeto de análise, a metodologia e os postulados teóricos de uma Neurolingüística de cunho discursivo demonstram uma diferença extremamente significativa.

Essa abordagem impede que a escrita e a leitura sejam vistas como produtos finais e que, assim, sejam consideradas como parte de um percurso que o sujeito faz e que se apresenta como lugar privilegiado para compreender a natureza do processo a que o sujeito é submetido pela própria língua, pela sua individualização e pela heterogeneidade da linguagem. Trata-se, pois, de considerar que o sujeito afásico está envolvido em atividades significativas de linguagem, em meio a contingências discursivas, atuando como sujeito para produzir e interpretar sentidos: contar, comentar, perguntar, sugerir, pedir, estreitar relações etc.

Fica patente que a questão das práticas sociais tem sido deixada de lado na avaliação e na classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias. O que ocorre, no entanto, é que uma escrita que se revela desconexa, abreviada e incompleta não pode ser classificada apenas segundo as regras de uma metalinguagem confundida com regras lógico-formais (ortográficas e gramaticais). Há muitos outros fatores envolvidos que fazem com que o sujeito afásico escreva desta ou de outra maneira, abrevie esta ou aquela palavra, leia de uma forma ou de outra (cf. Santana, 1999). No entanto, nada disso é considerado nas classificações. Nelas, o que conta é pontuar, mensurar o grau de perda, diagnosticar o problema de escrita e de leitura. Faz-se isso sem levar em conta o sujeito na hora do teste, sua história de leitor ou não-leitor.

Ledo engano supor que classificar implica solucionar. As classificações dão poucos indícios de como “resolver” o problema. Os indícios são dados pelos sujeitos afásicos: por sua linguagem escrita, pelo impacto da afasia e pelas (novas) relações que eles passam a ter com sua linguagem (oral e escrita). As classificações não levam em consideração um sujeito que era leitor, que não deixa de ser, mas que não consegue mais ler. Como um deles mesmo disse: “Você lê, menina, mas você não tem o sentido que a frase tem” (MS, 11/11/98).

**Resumo**

*Neste trabalho, discuto, a partir de uma perspectiva discursiva, a variedade de terminologias encontradas para caracterizar as alterações de linguagem escrita nas afasias. Procuro situar a concepção de linguagem que subjaz a esta "floresta" terminológica e a utilidade das classificações para a terapia de sujeitos afásicos.*

*Palavras-chave: escrita, afasia, semiologia.*

**Abstract**

*This paper discusses, under a discursive perspective, the variety of terminologies found to characterize the alterations of written language of the many types of aphasia. The purpose is to situate the conception of language that underlies this terminological "forest", as well as to situate the usefulness of the classifications for the treatment of aphasic patients.*

*Key-words: writing, aphasia, semiology.*

**Resumen**

*En este trabajo discuto, desde una perspectiva discursiva, la variedad de términos encontrados para caracterizar las alteraciones del lenguaje escrito en las afasias. Busco situar la concepción de lenguaje subyacente en esta "selva" terminológica y la utilidad de las clasificaciones para la terapia con sujetos afásicos.*

*Palabras claves: afasia, lenguaje escrito, terminología.*

**Referências bibliográficas**

- ARDILA, A. e OSTROSKY-SOLÍS (1995). “Organización cortical: síndromes neuropsicológicos”. In: *Diagnóstico del daño cerebral-enfoque neuropsico-lógico*. Espanha, Editorial Trillas, pp. 33-65.
- BARBIZET, J. e DUIZABO, P. (1985). “Os distúrbios da linguagem – as afasias”. In: *Manual de Neuropsicologia*. Porto Alegre, Masson, pp. 31-58.
- COUDRY, M. I. (1986/1988). *Diário de narciso*. São Paulo, Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1987). Dislexia: Um bem necessário. *Estudos Lingüísticos*, XIV Anais do GEL, Unicamp, pp. 150-7.
- DÉJÈRINE, J. (1891). “Contribution to the anatomical-pathological and clinical study of the different varieties of word blindness”. In: ELING, P. (ed.). *Reader in the history of aphasia*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- FREIRE, R. M. (1997). A metáfora da dislexia. *Tópicos de Fonoaudiologia*, vol. IV, pp. 925-937. São Paulo, Roca.
- GIL, R. (1992). *Neuropsychologie*. Paris, Masson.
- HÉCAEN, H. e ALBERT, M. (1992). “Disorders of written language”. In: KRIEGER, R. E. *Human Neuropsychology*. Florida, Publishing Company, pp. 54-67.
- LURIA, A. R. (1962/1980). “Investigation of writing and reading”. In: *Higher cortical functions in man*. New York, Consultants Bureau, pp. 528-52, 2 ed.
- PARENTE, M. A. P. (1995). O enfoque cognitivo na avaliação das dislexias adquiridas e o sistema ortográfico do português. *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4, pp. 169-73.
- SANTANA, A. P. O. (1999). *O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolingüística*. Campinas, Unicamp, IEL. Dissertação de mestrado.
- SERON, S. e FEYEREISEN, P. (1995). “Neurolingüística”. In: RONDAL, A. e SERON. *Transtornos del Lenguaje I*, X. Barcelona, Ediciones Paidós, 2 ed.
- SILVEIRA A. e PARENTE, M. A. P. (1995). Leitura letra-por-letra: uma dislexia periférica? *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4, pp. 185-9.

*Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias*

- VIDIGAL, B. M. e PARENTE, M. A. P. (1995). As dislexias adquiridas com utilização da via lexical: manifestações das dislexias profunda e fonológica no português. *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4, pp. 180-4.
- ZORZI, J. L. (1996). Dislexia, distúrbios da leitura-escrita... De que estamos falando? *Tópicos de Fonoaudiologia*, V, III, pp. 181-94. São Paulo, Roca.

*Recebido em set./00; aprovado fev./01*